

Missão vê desempenho da economia

Missão de economistas dos bancos credores iniciaram ontem, no Banco Central, em Brasília, a avaliação dos indicadores mais recentes sobre o desempenho da economia brasileira, como lastro ao possível acordo provisório para o reescalonamento da dívida externa do País até a posse do novo governo, em março do próximo ano. Na prática, os bancos credores dependem apenas do acordo **stand by** de curto prazo do Governo brasileiro com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para refinarçar os US\$ 2 bilhões de juros devidos este mês.

Os contatos do ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, e do presidente interino do Banco Central, Wadico Waldir Bucchi, com autoridades e banqueiros de todo o mundo, no âmbito da assembléia anual do FMI/Banco Mundial, neste final de semana e início da próxima, serão fundamentais para a amarração do acordo de transição da dívida até a posse do novo Governo.

Reescalonamento

Segundo argumentos colhidos na Fazenda, basta o acordo com o FMI para se reescalonar a dívida bancária. Os bancos credores sabem que o Governo brasileiro não abrirá mão de preservar o mínimo de reservas cambiais de US\$ 6 bilhões e, nessa hipótese, cuidam de

receber a parcela dos juros em atraso. Mas, para admitir o refinanciamento de parte dos atrasados, os banqueiros precisam do FMI para explicar aos acionistas as novas "concessões" feitas ao Brasil.

Ainda ontem, a inclusão pela revista econômica Institutional Investor do Brasil do grupo de devedores de alto risco, ao lado da Nicarágua, China, Nigéria e Coréia do Norte, não causou qualquer surpresa entre os técnicos do Ministério da Fazenda. Houve comentários de que, por razões meramente

comerciais, a revista publica, sistematicamente, às vésperas da assembléia do FMI/Banco Mundial, noticiário contra o Brasil.

Embora reconheçam que esse tipo de notícia exerça alguma influência sobre a comunidade financeira internacional, o entendimento da área técnica da Fazenda é o de que a Institutional Investor deixou de ser publicação das mais conceituada, exatamente pelo tom comercial e sensacionalista de seus artigos, com claro preconceito contra o Brasil, ao longo dos últimos anos.